

A religiosidade/espiritualidade (R/E) como componente curricular na graduação em Psicologia: relato de experiência

The religiosity/spirituality (R/S) as a curricular component in the Psychology course: experience report

La religiosidad/espiritualidad (R/E) como componente curricular en el pregrado en Psicología: relato de experiencia

Vivian Fukumasu da Cunha*
Fabio Scorsolini-Comin**

Resumo

Temas como religião, religiosidade e espiritualidade estão presentes na vivência subjetiva das pessoas e são frequentemente debatidos pelos Conselhos de Psicologia, embora tal discussão seja considerada insuficiente na formação em Psicologia. Reconhecendo as evidências que sugerem relações positivas entre essas dimensões e a saúde física e mental e a lacuna no tema na graduação em Psicologia, objetiva-se apresentar um relato de experiência da inclusão da temática, como disciplina eletiva, para 20 alunos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, no 1º semestre de 2017. Como forma de avaliação dessa experiência, foi aplicado um questionário com 10 questões abertas com perguntas versando sobre expectativas em relação à disciplina, avaliação sobre o conteúdo ofertado, definição de religiosidade e espiritualidade, contribuições enquanto futuro psicólogo, a importância de uma disciplina que aborde a temática na formação, além de dados para caracterização dos sujeitos. As respostas foram categorizadas e apresentadas em quatro eixos temáticos: (a) Religiosidade e espiritualidade para alunos de graduação,

* Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (USP-RP). E-mail: vivianfcunha@gmail.com

** Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (USP-RP). E-mail: fabioscorsolini@gmail.com

(b) *Expectativas em relação à disciplina, (c) Ausência de conteúdos relacionados ao tema durante a graduação e (d) Importância da disciplina no currículo de Psicologia. Conclui-se que a experiência possibilitou aos alunos aprendizados e conscientização a cerca da importância dessa temática na Psicologia.*

Palavras-chave: *Psicologia, Educação Superior, Religião e Psicologia, Espiritualidade.*

Abstracts

Topics such as religion, religiosity and spirituality are present in the subjective experience of people and are often discussed by the Psychology Council, although such discussion is considered insufficient in a Psychology undergraduate degree. Recognizing the evidences that suggest positive relations between these dimensions and the physical and mental health and the gap in the subject in the Psychology course, the objective is to present an experience report of the inclusion of the theme, as an elective subject for 20 students from the Federal University of the Triângulo Mineiro, in the 1st semester of 2017. As a way of evaluating this experience, a questionnaire was applied with 10 open questions about expectations regarding the subject, evaluation on the content offered, definition of religiosity and spirituality, contributions as a future psychologist, the importance of a discipline that addresses the theme in the formation, besides data for characterization of the subjects. The answers were categorized and presented in four thematic axes: (a) Religiosity and spirituality for undergraduate students; (b) Expectations regarding the subject; (c) Absence of content related to the subject during graduation; (d) Importance of the discipline in the Psychology curriculum. It is concluded that the experience enabled the students to learn and raise awareness about the importance of this subject in Psychology.

Keywords: *Psychology, Higher Education, Religion and Psychology, Spirituality.*

Resumen

Temas como religión, religiosidad y espiritualidad están presentes en la vivencia subjetiva de las personas y son frecuentemente debatidos y discutidos por los Consejos de Psicología, tal discusión es considerada insuficiente durante la formación en Psicología. Reconociendo las evidencias que sugieren relaciones positivas entre esas dimensiones y la salud física y mental y la brecha sobre esa discusión en el pregrado en Psicología, este artículo tiene como objetivo presentar un relato de experiencia de la inclusión de la temática, como disciplina electiva, para 20 alumnos de la Universidad Federal del Triángulo Mínero, en el primer semestre de 2017. Como forma de evaluación de esta experiencia, se aplicó un cuestionario con 10 preguntas abiertas versando

sobre expectativas en relación a la disciplina, evaluación sobre el contenido ofrecido, definición de religiosidad y espiritualidad, contribuciones como futuro psicólogo, la importancia de una disciplina que aborde la temática en la formación, además de datos para caracterización de los sujetos. Las respuestas fueron categorizadas y presentadas en cuatro ejes temáticos: (a) Religiosidad y espiritualidad para alumnos de pregrado, (b) Expectativas en relación a la disciplina, (c) Ausencia de contenidos relacionados al tema durante la formación y (d) Importancia de la disciplina en el currículo de Psicología. Se concluye que la experiencia posibilitó a los alumnos aprendizaje y concientización sobre la importancia de esta temática en la Psicología.

Palabras clave: *Psicología, Educación Superior, Religión y Psicología, Espiritualidad.*

A cultura contemporânea reflète uma variedade de expressões concretas da experiência religiosa (Aletti, 2012), em que a identidade religiosa está mais fluida, nômade, denotando uma nova forma de viver o sagrado, de maneira que a vivência da religiosidade passa ser construída pelo indivíduo, a partir da sua fé, da sua relação particular “ao consumir crenças e práticas e formar sua colcha de retalhos espiritual” (Maraldi, 2016, p. 126). Por isso, temas como religiosidade e espiritualidade começaram a ganhar maior interesse científico nas últimas duas décadas (Freitas, 2014).

Nas recomendações do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP), a partir dos “Seminários Estaduais Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade”, realizado em 2015, religião é definida como instituição social composta por um sistema de crenças e práticas reunidas que sustentam uma suposta relação com uma dimensão transcendental. A religiosidade é o modo pessoal de lidar com ou vivenciar um sistema de crenças e práticas religiosas que podem estar ou não ligadas a uma instituição, sendo a busca de sentido para a vida que pode ou não estar ligada a uma crença religiosa. A maior parte dos estudos envolvendo o assunto traz a importância de se distinguir os fenômenos religião, religiosidade e espiritualidade, mas não existe um ponto de congruência, pois tais fenômenos mudam de tempos em tempos, apresentando uma relação que perpassa questões históricas, sociais, culturais e autorais, conforme a escolha teórica para compreendê-los (Koenig, 2008).

Apesar de religiosidade e espiritualidade serem conceitos ímpares, muitas pesquisas vêm apresentando os termos de maneira combinada, ou seja, religiosidade/espiritualidade (R/E), isso porque ambos são fenômenos complexos, multidimensionais, em que qualquer definição iria limitar a perspectiva e interesse dos estudos, já que religiosidade e espiritualidade possuem uma sobreposição inevitável, com inclinações muito próximas (Hill et al., 2000; Marques, 2010). A utilização do termo combinado é compreendida como uma maneira de abarcar a subjetividade dos fenômenos vivenciados, entendendo que o que está em discussão nos estudos não são os fenômenos em si, mas a relação vivenciada pelas pessoas quanto as suas questões religiosas/espirituais e a repercussão na saúde física e mental, o que inclui também os ateístas e agnósticos, por exemplo (Koenig, 2008). Dessa maneira, adota-se o termo combinado na intenção de ampliar a compreensão além dos fenômenos individuais e de pensar nas relações que podem ser apresentadas a partir dos indivíduos, em consonância com a literatura da área (Scorsolini-Comin, 2018).

Tais distinções são importantes para o profissional de Psicologia, pois refletem diretamente na atuação e integração dessas dimensões. O que parece ser mais conhecido pelos psicólogos está pautado principalmente no art. 2, item b, do Código de Ética do Psicólogo (CEP) destacando-se: “É vedado ao psicólogo induzir convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais.” (p. 9) (Conselho Federal de Psicologia - CFP, 2005). No entanto, em 2013, foram incluídas atualizações do Posicionamento do Sistema de Conselhos de Psicologia para a questão da “Psicologia, Religião e espiritualidade”, salientando-se, entre outras considerações: “Pautar-se na obrigatória laicidade não implica negar uma interface que pode ser estabelecida pela psicologia e a religião, e pela psicologia e a espiritualidade.” (CFP, 2013, p. 44). Além disso, em 2016, o CRP-SP, publicou a coletânea “Psicologia, laicidade e as relações com a religião e espiritualidade”, composta por três volumes, reforçando as evidências e discussão dessas dimensões na esfera científica.

No entanto, assuntos como religiosidade e espiritualidade na formação em Psicologia têm se apresentado de modo ainda tímido, tanto

nacional (Freitas, 2014; Henning-Geronasso & Moré, 2015), como internacionalmente (Plumb, 2011), o que implica em não preparar os profissionais para lidar com o assunto, tendo em vista que muitos psicólogos recém-formados relatam serem frequentes essas questões, mas demonstram insegurança para abordá-las por receio de virem a incorrer em problemas de cunho ético (Freitas, 2014). A partir do exposto, pode-se considerar que, embora a R/E venha sendo cada vez mais investigada e valorizada pelos profissionais, esse movimento não é acompanhado por incrementos no ensino de graduação, de modo a abarcar o seu conceito em termos dos conteúdos das grades curriculares. Se a dimensão da R/E tem revelado a sua importância na prática e na pesquisa, por que não incorporá-la como um conteúdo programático? Por que não incorporar essa dimensão na formação de novos profissionais?

Mais do que isso, ao que parece, a formação em Psicologia influenciaria na condição de tornar o psicólogo menos religioso do que quando ele ingressou no ensino superior, isso porque os conteúdos da sua formação, excessivamente positivistas e desconsiderando tais dimensões, poderiam levar ao embotamento da sua R/E (Cavalheiro & Falcke, 2014). Tudo indica que essa relação justificaria as evidências de que psicólogos e psiquiatras tendem a ser menos religiosos se comparados com a população em geral (Moreira-Almeida, Lotufo Neto, & Koenig, 2006). Essa tendência, por sua vez, revela que o modo como o psicólogo vivencia sua própria R/E pode influenciar no modo como ele integra essas questões no cuidado com os pacientes (Daniels & Fitzpatrick, 2013). Ou, como pondera Neubern (2013), caso o psicólogo abrace aquilo que fala à sua subjetividade em termos espirituais, ele poderá adquirir uma sensibilidade fina para compreender detalhes da R/E do outro.

Na prática, isso equivale a considerar que a R/E ainda é um terreno complexo e que gera muitos conflitos nos profissionais, a julgar por que nem sempre eles se colocam de modo preparado para abordar a temática em suas múltiplas manifestações, quer seja na clínica, em contextos de saúde, ou mesmo em cenários socioculturais. A tradição por vezes biomédica que acaba atingindo a Psicologia também é uma das explicações para que tais

conteúdos sejam rejeitados na formação, haja vista que compõem um núcleo ainda compreendido como um “tabu”, algo que se apresenta como de difícil manejo, gerando dúvidas que atravessam o “fazer” psicológico.

A fim de contribuir com avanços na educação e formação em Psicologia, além de preencher a lacuna do tema na graduação, considerando-se a repercussão desses fenômenos na sociedade e o impacto na subjetividade do próprio psicólogo, foi ministrada, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGP-UFTM), uma disciplina eletiva de Tópicos Contemporâneos em Psicologia, intitulada “Psicologia e a interface com a religiosidade e espiritualidade”. Esta disciplina foi oferecida aos alunos do curso de Psicologia da mesma instituição, aberta àqueles que haviam cursado, ao menos, o segundo semestre da graduação. Embora a disciplina propusesse um conhecimento bastante específico, julgou-se como produtiva a possibilidade de que os alunos já do início do curso pudessem fazer parte dessa discussão, aproximando-os do universo da R/E e potencializando um olhar diferenciado para todo esse campo.

A partir do panorama exposto, o presente estudo trata-se de um relato de experiência que teve por objetivo apresentar as possibilidades da inclusão do tema da R/E durante a graduação em Psicologia e as possíveis repercussões para os alunos em termos de conteúdos, práticas e atitudes que puderam ser refletidas e desenvolvidas ao longo de sua oferta. Este relato se torna importante na medida em que pode disparar a realização de outras iniciativas, com a adequação da proposta e até mesmo a inserção de novos conteúdos, com vista a permitir o contato do aluno com a temática e sua discussão em termos de uma futura prática profissional. Como iniciativas de inclusão dessa disciplina mostram-se escassas nos cursos de Psicologia em nosso país (Freitas, 2014), tal relato pretende contribuir com o cenário de referência. Na prática, o que se observa é que os conteúdos relacionados à R/E acabam sendo trazidos em aulas ou módulos específicos em disciplinas como Psicologia da Saúde, ou mesmo em estágios no campo da saúde e que discutam, de algum modo, temas como os cuidados paliativos, a finitude, a morte e o morrer (Kovács, 2016). Desse modo, compreende-se que a R/E

ainda parece ser uma dimensão crítica e “derradeira”, desconsiderando toda uma gama de conhecimentos produzidos no sentido de empregá-la como estratégia e recurso em saúde, por exemplo.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em parceria com o PPGP-UFTM, sob responsabilidade do segundo autor, com colaboração da primeira autora. Os relatos de experiência buscam não apenas descrever uma dada realidade, mas fundamentalmente oferecer balizas para atuações que possam ser mais críticas, reflexivas e alinhadas aos pressupostos que orientaram a execução da experiência narrada. Assim, tais conhecimentos podem ser apreendidos como um convite para replicações da experiência, mais do que um roteiro prévio de como ofertar tais conteúdos. A partir dessa ressalva, o presente relato de experiência deve ser compreendido como um disparador para futuras práticas e delineamentos de componentes curriculares relacionados à R/E.

A disciplina eletiva “Tópicos Contemporâneos em Psicologia V – Psicologia e a interface com a religiosidade e espiritualidade” foi construída como parte dos critérios para prática de docência estabelecida pelo PPGP-UFTM e ofertada aos alunos de graduação de Psicologia da UFTM no 1º semestre de 2017. O estágio em docência tem como objetivo permitir que o aluno do mestrado em Psicologia entre em contato com a atividade da docência, haja vista que o programa busca a formação de docentes para o ensino superior, participando de diversas fases da oferta de uma disciplina de graduação, desde o seu planejamento até a sua execução e formas de avaliação. O delineamento dessa disciplina buscou contemplar um projeto de pesquisa desenvolvido pelos autores, na área de “Psicologia e Saúde”, sendo que a temática da disciplina está diretamente atrelada a esse campo de estudos e práticas.

Participaram da disciplina 20 alunos de graduação em Psicologia, com idades entre 20 a 45 anos, dos períodos 2º, 6º, 7º, 8º 9º, 10º, sendo

17 alunas do sexo feminino e o restante, masculino. Entre as religiões praticadas por eles encontra-se o espiritismo, o catolicismo, o cristianismo protestante e o paganismo. Seis alunos afirmam não ter uma religião.

O objetivo geral da disciplina foi apresentar como a religiosidade e a espiritualidade têm sido abordadas na Psicologia, priorizando conteúdos alocados em grandes módulos como: a) definições e conceitos; b) breve histórico da relação entre religião, religiosidade, espiritualidade e a Psicologia; c) principais abordagens e tendências que estudam a dimensão: Etnopsicologia, Psicologia da Religião e Psicologia Positiva; d) panorama das pesquisas que vêm sendo realizadas nos últimos anos; e) possibilidades de intervenções, benefícios e cuidados éticos na Psicologia.

Para atingir tal objetivo, foram utilizadas 15 aulas, ao longo de 15 semanas letivas, metodologicamente desenvolvidas a partir de recursos como aulas expositivas, leitura de textos, vídeos e filmes, discussões, debates, mesas redondas e apresentação de seminários. O intuito foi estimular o aluno a desenvolver um posicionamento ético a respeito de possibilidades, vantagens e riscos da inclusão dessa dimensão em intervenções psicológica, ter uma reflexão sobre atitudes profissionais do psicólogo e condição de avaliar criticamente a importância da discussão do tema na graduação.

Para avaliação da disciplina, foi aplicado um questionário visando identificar possíveis melhorias sobre o conteúdo, as necessidades dos alunos e seus ganhos no aprendizado, de modo a contribuir para pensar, futuramente, a proposta de uma segunda oferta desse componente na graduação em Psicologia. Foi utilizado um questionário contendo 10 perguntas abertas, desenvolvido especificamente para a realização deste estudo. As perguntas versavam sobre as expectativas em relação à disciplina, avaliação sobre o conteúdo ofertado, definição de religiosidade e espiritualidade, repercussão e mudanças pessoais em relação às dimensões, contribuições enquanto futuro psicólogo, a importância de uma disciplina que aborde R/E na formação, além de dados para caracterização dos sujeitos como idade, gênero, período, se possui ou não uma religião e a frequência de prática da mesma, em caso afirmativo. As respostas foram analisadas seguindo os pressupostos propostos por Bardin (2011) de análise de conteúdo, permitindo

identificar os pontos positivos e negativos dessa experiência. Os alunos serão identificados pela letra (A) e, subsequentemente, por números de 1 a 20, preservando o anonimato. A partir das respostas, os seguintes eixos temáticos foram identificados e serão apresentados na próxima sessão: (a) Religiosidade e espiritualidade para alunos de graduação, (b) Expectativas em relação à disciplina, (c) Ausência de conteúdos relacionados ao tema durante a graduação e (d) Importância da disciplina no currículo de Psicologia. Essas categorias serão analisadas a partir da literatura científica da área da R/E na interface com a Psicologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Religiosidade e espiritualidade para alunos de graduação

Depois de abordar os conceitos na disciplina, os termos religiosidade e espiritualidade passaram a ser compreendidos pelos alunos de graduação de modo bastante próximo às definições encontradas na literatura científica (Marques, 2010), em que a religiosidade é “vivência de práticas religiosas no cotidiano” (A1), “a prática da religião, podendo estar ligada ou não a uma instituição. É extensão na qual o indivíduo atua, segue e crê em uma religião” (A9). Nesse sentido, religiosidade está atrelada à condição de uma atuação mais palpável, envolvendo a manifestação de práticas que dão sentido e significado para os sujeitos. Como bem descreve Freitas (2014), refere-se a disposições que levam as pessoas à capacidade de experimentar fenômenos religiosos, em seus diversos aspectos.

Já espiritualidade, por sua vez, é compreendida pelos discentes como “a busca pelo sentido, com o acreditar e ter fé” (A5), “está mais relacionado a questões como a qualidade de vida, bem-estar do sujeito. É algo que vai além da religião, é uma busca pelo sentido, pela realização.” (A6), “é toda experiência transcendental do indivíduo, todo sentimento e conhecimento que contribui para sua formação pessoal” (A13), “é a crença e fé em valores, não necessariamente ligados a uma religião” (A16). Nessa condição, espiritualidade é a capacidade para reflexão, um estado mental positivo,

universamente acessível (Snyder & Lopez, 2009), sugerindo sentimentos, pensamentos e comportamentos que surgem na busca pelo sagrado, não necessariamente religioso (Pargament, 2007).

A abertura e discussão desses conceitos refletem duas condições importantes ao futuro psicólogo. A primeira é a inclusão da dimensão espiritual no conceito multidimensional de saúde preconizado pela *World Health Organization* (1998), sendo a espiritualidade uma dimensão constitutiva, abarcando os sujeitos como os seres “bio-psico-socio-espirituais”. A segunda é a religião e religiosidade como expressão da condição multicultural dos sujeitos, onde se faz importante a compreensão da maneira que o sujeito se vale da sua crença e da sua fé e, em nenhum momento, cabe à Psicologia validá-la, refutá-la ou questionar e discutir a verdade no âmbito transcendente ou metafísico (Bairrão, 2016). Nesse sentido, os diálogos a respeito desses fenômenos se mostram bem-vindos e como uma possibilidade ao futuro profissional: “me fez refletir sobre a importância das vivências a cerca da religiosidade e espiritualidade para os sujeitos” (A18), levando em conta a repercussão individual e subjetiva “esta disciplina me ajudou a pensar sobre como a religiosidade influencia a vida de cada um” (A3).

Nesta disciplina, os alunos puderam refletir sobre a sua condição religiosa/espiritual. De fato, é recomendado que o profissional de Psicologia também saiba reconhecer a sua própria R/E, sem que precise ser negligenciada (Scorsolini-Comin, 2015). Mais do que isso, a discussão desse tema com os alunos permite pensar sobre o modelo biomédico empregado na ciência psicológica, onde a busca por evidências e um “enquadramento” do que é saudável ou doente desconsideram, por vezes, o saber tradicional e cultural por trás das religiões, negligenciando a possibilidade de serem saberes distintos, mas que falam sobre a mesma condição humana (Bizerril & Neubern, 2012), permitindo criar um clima de tolerância e de respeito pelas diferenças, o que também ajudaria a combater preconceitos (Bairrão, 2016). Esse movimento pode ser ilustrado pelo trecho a seguir:

[...] após participar da disciplina consigo me posicionar mais claramente em relação à minha crença e respeitá-la, sem me sentir envergonhada em relação à expressão da minha fé e da busca pelo sagrado, levando em conta o ambiente universitário extremamente preconceituoso e intolerante. (A12).

Expectativas em relação à disciplina

Como parte dos requisitos solicitados a um docente, faz parte da sua atribuição o desenvolvimento de um plano de ensino exequível. Nessa condição, sabe-se que não é possível, em uma disciplina, contemplar todas as possíveis relações e implicações dos fenômenos religiosos e espirituais que existem, mas subentende-se que, ao pleitear uma vaga a uma disciplina eletiva, há expectativas com relação ao que se gostaria de aprender.

Para a maioria dos alunos (n = 18), a disciplina atingiu as expectativas de modo total, “a disciplina contempla minhas expectativas em relação ao trabalho do psicólogo com questões religiosas e espirituais” (A6), “trouxe temáticas diferentes que são pouco discutidas” (A20), parcial “No contexto clínico sim, mas não no contexto universitário” (A1) ou foi além, “Superou ao apresentar como as diferentes abordagens psicológicas tratam a dimensão da espiritualidade e religiosidade” (A5). Nessa condição, destaca-se como ganho no aprendizado, em relação ao que foi apresentado, o seguinte relato:

[...] não sabia que esse assunto possuía um campo vasto e sobre o material, previamente pesquisado, meu maior medo era não conseguir lidar com o tema se surgisse na prática, mas agora me sinto mais confortável em discutir e lidar com ele. (A4).

Freitas (2012) identifica que estudantes de Psicologia relatam não serem preparados para tratarem dessa questão no âmbito da clínica e para lidarem adequadamente com decorrentes implicações de ordem ética, metodológica e epistemológica. No entanto, a ausência do tema na formação em Psicologia não deve ser vista como um sinal de que esse tema tem menor importância para a vida das pessoas, mas sim que outros temas sejam mais valorizados, especialmente os temas tidos como essenciais no currículo mínimo (Marques, 2017). Vale pontuar que, muitas vezes, a R/E emerge como um tópico específico em áreas consideradas mais essenciais, de modo que a discussão acaba sendo subjugada justamente pela falta de elementos que subsidiem uma abordagem crítica, reflexiva e desenvolvida com base em aspectos éticos e recomendações profissionais seguras. Há que se considerar que, na maioria das vezes, a R/E não se trata do foco do

atendimento, mas emerge como possibilidade de ancoragem do sujeito em sua história de vida, em suas diferentes experiências e também como recurso para o enfrentamento de situações e eventos de vida considerados adversos.

A condição de essa disciplina ser eletiva também revela outra questão importante sobre a presença da temática no ensino em Psicologia, pois só foi possível inserir essa proposta a partir da parceria com o PPGP-UFTM, onde se tem vinculado pesquisadores que se dedicam ao tema. Essa realidade reflete que a ausência do tema na formação do psicólogo também não prepara um corpo docente competente para discutir o assunto (Marques, 2013), inclusive para abordar suas interfaces e interdisciplinaridades. Embora a matriz curricular do curso de Psicologia em questão seja considerada relativamente recente, datada de 2011, observa-se que tal dimensão, em nenhum momento, é evocada em contextos ou práticas propostas pelo curso. No entanto, a abertura para a oferta de disciplinas eletivas, de algum modo, acaba potencializando que temas emergentes possam ser cotejados em outros momentos, a depender dos docentes e suas linhas de pesquisa. Mantendo a linha argumentativa do relato, consideramos que esse movimento, embora não supra as necessidades deflagradas pelos alunos e pelas pesquisas mais recentes, é um paliativo no sentido de incorporar à temática, ao menos, aos alunos que demonstram interesse em conhecê-la mais detidamente. No entanto, a recomendação é para que tais componentes da R/E possam, de fato, encontrar um lugar de discussão dentro da graduação em Psicologia.

Na pesquisa de Carneiro, realizada com professores de Psicopatologia, citada por Freitas (2012), fica clara a ausência de abordagem direta do tema em sala de aula no âmbito da disciplina, justamente em função do desconhecimento da literatura na área e por não quererem levantar questões polêmicas aos estudantes, reforçando, mais uma vez, uma postura de negligência com o tema, tendo em vista muitas evidências das contribuições positivas dessas dimensões para saúde física e mental (Koenig, 2012).

Diante dessa proposta curricular quase que inovadora, frente às adversas circunstâncias envolvendo o tema e o percurso da Psicologia até hoje, reflete-se também sobre as expectativas que não foram atingidas. Destaca-se que não se supriu a necessidade de: “Aprender um pouco sobre

as diversas religiões e como cada uma delas se relaciona com a Psicologia na área clínica” (A3) e que não foi metodologicamente atrativo e motivador “as aulas não chamaram a atenção, conseqüentemente a turma não participava, aulas extremamente “presas” aos slides, que continham muitos textos” (A12). Tais questões serão aprofundadas no próximo eixo temático.

Ausência de conteúdos relacionados ao tema

Como mencionado no eixo anterior, um recorte foi necessário para viabilizar a disciplina e atender aos seus objetivos. Levando em conta a expectativa não atendida, ressalta-se que conhecer mais sobre as religiões foi uma questão sugerida pelos alunos em relação a conteúdos que gostariam de ter trabalhado mais: “senti falta de abordarmos um pouco mais a diversidade das crenças e religiões” (A6), “sobre as religiões matriarcais, Xamanismo (naturais), as pré-religiões, o animismo” (A15).

Durante a formação é natural que exista uma curiosidade do aluno pelo conhecimento, notadamente por aquilo que nem sempre é possível de ser incluído como um componente curricular. Conhecer os variados tipos de religiões, suas crenças e rituais básicos são de fato úteis ao psicólogo para criar condições de apreender sobre o universo simbólico do paciente, se esse for o caso. No entanto, Safrá (2013) adverte que não se pode reduzir a forma psicológica para a especificidade do entendimento sociocultural da sua vivência. Isso quer dizer que não devemos presumir que a vivência religiosa de um católico, por exemplo, é igual para todos os católicos. Elkonin, Brown e Naicker (2014) concordam que a experiência da religião e da espiritualidade difere de pessoa para pessoa.

Sob essa condição, Bizerril e Neubern (2012) dizem que a Psicologia pode contribuir para compreensão da experiência religiosa ao contemplar as dimensões subjetivas implicadas, o que seria o caso da construção de sentido como produção de realidades subjetivas e singulares. Dessa maneira, apesar de ser extremamente proveitoso o conhecimento das variadas religiões, entende-se que não se faz essencial quando falamos

de objetivos que vêm sendo estudados pela Psicologia e a interface com a R/E; mais ainda, entrar-se-ia em um nível teológico, do qual não se tem competência enquanto psicólogos.

Assim, considera-se, na compreensão da avaliação da disciplina, que os alunos, muitas vezes, demonstram a necessidade de um conhecimento mais tradicional, tal como um “catálogo” ou um “almanaque” no qual o professor é o responsável por resgatar e trazer essa informação ao aluno de modo claro. Opera-se, nesse sentido, uma disciplina essencialmente descritiva, que visa apresentar a diversidade e as diferenças, mas pouco contribuindo com o manejo das situações nas quais essas questões emergem, por exemplo, em atendimentos nos estágios. Por diversas vezes, nas discussões realizadas, os alunos que já atendiam nos estágios trouxeram situações nas quais tiveram que lidar com conteúdos da R/E. Nessas situações eminentemente práticas pode ser útil possuir um conhecimento mais técnico sobre cada religião ou crença, mas esse processo não pode obstruir uma abordagem compreensiva e reflexiva da questão, o que passa pela oferta de uma escuta autêntica e próxima, mais do que um conhecimento puramente técnico sobre as bases de cada religião. Além disso, o componente curricular em questão possuía apenas 30 horas, de modo que seria muito complexa a atividade de abarcar a apresentação de diversas religiões, entre elas, as menos professadas pela população brasileira. No entanto, é possível cotejar, de certo modo, essa demanda, remodelando os tópicos sobre a apresentação das religiões. Também, pode-se incentivar o trabalho e o engajamento mais ativo de cada aluno no sentido de trazer tais informações à baila, por exemplo, nos seminários.

Conjectura-se também que a expressão de se querer conhecer mais sobre as religiões parte de uma necessidade pessoal, tendo em vista o discurso de uma expectativa parcialmente atendida: “Também esperei que fossem tratadas questões no contexto universitário, de modo que amparasse o acadêmico como alguém que tem crenças.” (A1). Cabe ressaltar que apesar de estudos apresentarem dados de que os psicólogos tendem a ser menos religiosos que a população em geral (Hill et al., 2000), considera-se que

os psicólogos possuem suas convicções religiosas/espirituais e que se faz importante reconhecer-se como alguém que pode vivenciá-las sem que tenha que ser escondida ou subvalorizada (Scorsolini-Comin, 2015).

Nesse sentido, reflete-se sobre a condição institucional da Universidade que, apesar de ser laica, pode ser a promotora da construção de eventos que apresentem as diversas religiões, não só aos alunos de Psicologia, mas a todos os universitários. Além de aproximar essa interface na vivência particular de cada um, se assim for o desejo, pode ser também um recurso, uma vez que pesquisas mostram altos índices de vulnerabilidade para adoecimento entre universitários (Padovani et al., 2014) e a R/E se apresenta como fonte de enfrentamento e proteção, favorecendo suporte social para as dificuldades (Koenig, 2012).

Quanto à expectativa de melhores interações metodológicas, reconhece-se que essa seja uma condição possível de ser revista, inclusive, entende-se ser de muito valor para repensar a disciplina, contudo, isso não garante a satisfação das exigências, a motivação dos alunos ou o aprendizado. Mas, levando em conta essa questão, ressaltando a importância de um dinamismo e de uma expressão da prática mais próxima aos alunos, outra questão apontada como fazendo falta na disciplina foi a de mais exemplos e casos: “talvez, trazer mais estudos de casos sejam interessantes e mais dinâmicos” (A20), “talvez, fosse interessante trazer intervenções realizadas por psicólogos a partir de alguns vieses espirituais e religiosos, exemplo de intervenções com pessoas de uma comunidade espiritual” (A2).

Reconhece-se cada vez mais a necessidade de um ensino que ofereça condições de uma prática baseada na realidade. Nesse sentido, a demanda dos alunos quanto apresentação de casos é extremamente válida, mas não tão viável assim. Hoje, já se fala de uma psicoterapia integrada à espiritualidade que pode ser apropriada a partir de diversas abordagens psicológicas (Sperry & Shafranske, 2005), mas estamos falando de estudos internacionais, o que se distancia um pouco do que encontramos no cenário nacional de pesquisa. Nacionalmente, a maior parte dos artigos leva em conta uma prática pautada no código de ética profissional, reconhecendo a necessidade de integração dessa temática ao mesmo tempo em que se

mantém uma condição ética (Neubern, 2010; Scorsolini-Comin, 2015), onde não são encontrados muitos relatos de experiência ou estudos de caso envolvendo o assunto.

Além de não encontrar subsídios suficientes para apresentar aos alunos, reflete-se sobre essa interface ser apresentada no próprio currículo básico das abordagens psicológicas proposta por cada Universidade. Assim sendo, pela visão de homem concedida por cada uma delas, seria possível compreender a dinâmica de inclusão e atuação dessas dimensões. Mas o que acontece, provavelmente, é que as linhas teóricas frequentemente ensinadas têm em sua base autores com visões negativas e contrárias às religiões como, por exemplo, B. F. Skinner e Sigmund Freud (Pargament, 2007), sendo essa, outra condição que pode contribuir também para que os alunos se formem em Psicologia menos religiosos do que entraram, tendo em vista maior afinidade com essas abordagens (Cavalheiro & Falcke, 2014).

Nesse ponto, ressalta-se que os estudos da religião, religiosidade e espiritualidade situam-se como epistemologias não-hegemônicas, sendo pouco estudados pela comunidade científica. Para os estudiosos que investigam esses fenômenos faz-se importante caminhar em direção do que denuncia a necessidade dos alunos, a publicação de estudos que evidenciam a vivência prática do profissional, seus relatos de experiência e intervenções utilizadas ao lidar com a temática, pois, como sugerem Daniels e Fitzpatrick (2013), as teorias psicológicas podem ser modificadas para incluir a dimensão espiritual.

Importância da disciplina no currículo de Psicologia

Apesar dos percalços e incompletudes que possam existir na proposta da disciplina, todos os alunos acreditam que esse seja um assunto importante para a formação em Psicologia: “em poucos momentos do curso discutimos esses temas, apesar de serem tão presentes na vida cotidiana e, possivelmente, nós veremos a religiosidade e espiritualidade aparecerem não importa o campo onde atuaremos” (A9), condicionando um

aprendizado importante para prática profissional “as reflexões trabalhadas são importantes para auxiliar na nossa atuação, visto que ignorá-las limitaria demais nossas práticas” (A19).

No mais, a disciplina contribuiu para: “Compreender que independente da crença que o sujeito tenha ou a ausência desta, diz respeito a um assunto que deve ser considerado e buscar uma escuta empática para estas questões” (A2), “possibilitaram pensar sobre a temática, percebendo e valorizando este aspecto do homem” (A8), “proporcionaram estar mais atenta para trabalhar e lidar com temas [...] Bem como estar ciente das questões éticas” (A9), “ajudou a entender as formas de lidar com a espiritualidade e religiosidade dos meus futuros pacientes e comigo mesma, com o meu trabalho” (A11), “a lidar e respeitar as diferenças religiosas, sabendo identificar quando é uma crença ou um transtorno” (A16), “me sinto preparada para lidar com esses aspectos com um olhar mais neutro, sem julgamentos e/ou expectativas” (A17).

Diante desses relatos, percebe-se o ganho de uma visão mais sensível aos fenômenos religiosos/espirituais, reconhecendo-os como constituintes da expressão humana e, conseqüentemente, do material psicológico a ser encontrado no caminho do futuro profissional. Percebe-se também um posicionamento mais atento a questões éticas e profissionais que são exigidas do psicólogo. Tratando de assuntos como religião e espiritualidade, espera-se que tais ganhos profissionais possam ser generalizados a outras questões que causam polêmicas e são delicadas.

Observa-se a satisfação com a disciplina, ao dar liberdade ao aluno de comentar livremente sobre o que julgar pertinente e encontrar manifestações para que continue sendo ofertada: “Achei uma eletiva muito bacana que deveria continuar sendo ofertada” (A2), “Agradeço a oportunidade e espero que tenhamos a tópicos 5 versão II” (A15). Essa condição mostra que uma disciplina que envolve “Psicologia e a interface com a religiosidade e espiritualidade” tem sua relevância na formação do psicólogo, e a inclusão de discussões a respeito é importante para quebrar o paradigma de que Psicologia, religião e espiritualidade não se misturam.

Obviamente que se trata de uma primeira oferta e a análise aqui empreendida busca contemplar esse primeiro momento de apreciação

em torno do que foi oferecido aos alunos. Tais apontamentos podem ser direcionadores importantes no sentido de oferta e desenvolvimento de um componente curricular que, de fato, atenda às necessidades dos alunos em formação. O mais importante, nesse ponto, é reconhecer que os conteúdos da R/E foram oferecidos de modo articulado às experiências e questionamentos dos alunos, como um conteúdo integrado a uma proposta de curso em movimento e de formação permanentemente viva, assim como a Psicologia, a Ciência e a própria interface com a R/E.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a experiência da disciplina eletiva “Tópicos Contemporâneos em Psicologia V – Psicologia e a interface com a religiosidade e espiritualidade” foi um marco na instituição e na proposta curricular no que tange à discussão de religião, religiosidade e espiritualidade na graduação em Psicologia. A proposta pautou-se em apresentar o que existe de mais importante nas pesquisas envolvendo o assunto e, apesar do relativo aumento de pesquisas nas últimas duas décadas, parece não ser suficiente, ainda, para dar conta de toda a necessidade requerida ao futuro profissional, exigindo caminhar também para as experiências vivenciadas na prática.

Relembra-se que a relação entre o ser humano e R/E é muito mais antiga que a própria ciência psicológica, o que exige da Psicologia um olhar interdisciplinar a outros campos científicos, como Antropologia, Teologia, Ciências Sociais, Medicina, entre outros, pois quando se fala de integralidade e de cuidado os profissionais não podem ter apenas domínio técnico, mas compreender aspectos ligados à cultura e às relações (González & Almeida, 2010).

A experiência cumpriu o que se propôs a fazer, possibilitando aos alunos aprendizados e conscientização dessas dimensões. A partir disso, não se espera professar a inclusão de uma disciplina na grade curricular como obrigatória, necessariamente, mas denunciar que existe uma lacuna do tema na formação e que essa pode ser preenchida efetivamente e de modo científico. O interesse dos alunos e o modo como os mesmos se relacionaram com os conteúdos revelam a ressonância dessa temática não

apenas em suas vidas, mas também em questões com as quais se deparam em estágios, vivências profissionais e na própria curiosidade geralmente associada a esse campo. Reconhecem-se as limitações nesse trajeto, seja metodologicamente ou pela vasta contribuição que o tema oferece e não foi possível abarcar, mas espera-se que, a partir desse contato, novos pesquisadores tenham se despertado para a importância do tema e possam se engajar nessas reflexões cada vez mais necessárias a um fazer profissional que, de fato, possa contemplar um sujeito dinâmico, multifacetado, complexo e não fragmentado. A dimensão da R/E, portanto, pode emergir como uma categoria integradora da experiência, o que atravessa a constituição não apenas do humano, mas também de um fazer profissional que se propõe a cuidar, tratar, compreender e problematizar esse humano.

REFERÊNCIAS

- Aletti, M. (2012). A Psicologia diante da religião e da espiritualidade: questões de conteúdo e de método. In M. H. Freitas & G. J. Paiva (Orgs.), *Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para a Psicologia* (pp. 157-190). Brasília: Universa.
- Bairrão, J. F. M. H. (2016). Psicologia e práticas espirituais: diálogos e fronteiras. In Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, *Na fronteira da Psicologia com os saberes tradicionais: práticas e técnicas – Volume 2* (pp. 21-28) (Coleção Psicologia, laicidade e as relações com a religião e a espiritualidade). São Paulo: CRP-SP.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70.
- Bizerril, J. & Neubern, M. (2012). Experiência religiosa e subjetividade no contexto contemporâneo: diálogo entre Psicologia e Antropologia. In M. H. Freitas, & G. J. Paiva (Orgs.), *Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para a Psicologia* (pp. 191-229). Brasília: Universa.
- Cavalheiro, C. M. F. & Falcke, D. (2014). Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. *Estudos de Psicologia*, 31(1), 35-44.

- Conselho Federal de Psicologia (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília: CFP.
- Conselho Federal de Psicologia (2013). Posicionamento do Sistema de Conselhos de Psicologia para a questão da Psicologia, Religião e Espiritualidade. *GT Nacional Laicidade e Psicologia*. Brasília: Autor.
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (2015). *Relatório Síntese das Discussões dos Seminários Estaduais Psicologia, Laicidade e as relações com a Religião e a Espiritualidade*. Disponível em: http://www.crpssp.org.br/diverpsi/arquivos/Recomendacoes_Diverpsi.pdf
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (2016). *Volume 1: Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas*. (Coleção Psicologia, Laicidade e as relações com a Religião e a Espiritualidade). São Paulo: Autor.
- Daniels, C. & Fitzpatrick, M. (2013). Integrating Spirituality into Counselling and Psychotherapy: Theoretical and Clinical Perspectives. *Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy*, 47(3), 315-341.
- Elkonin, D., Brown O. & Naicker, S. (2014). Religion, Spirituality and Therapy: Implications for Training. *Journal of Religion and Health*, 53, 119-134.
- Freitas, M. H. (2012). Religiosidade na experiência de atuação psi: sintoma ou saúde? In M. H. Freitas, & G. J. Paiva (Orgs.), *Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para a Psicologia* (pp. 191-229). Brasília: Universa.
- Freitas, M. H. (2014). Religiosidade e saúde: experiências dos pacientes e percepções dos profissionais. *Revista Pistis e Práxis: Teologia e Pastoral*, 6(1), 89-105.
- González, A. D. & Almeida, M. J. (2010). Integralidade da saúde – norteador mudanças na graduação dos novos profissionais. *Ciências & Saúde Coletiva*, 15(3), 757-762.
- Henning-Geronasso, M. C. & Moré, C. L. O. O. (2015). Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 711-725.

- Hill, P. C., Pargament, K. I., Hood, R. W., Jr., McCullough, M. E., Swyers, J. P., Larson, D. B., & Zinnbauer, B. J. (2000). Conceptualizing religion and spirituality: Points of commonality, points of departure. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 30, 51-77.
- Koenig, H. G. (2008). Concerns About Measuring “Spirituality” in Research. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 196(5), 349-355.
- Koenig, H. G. (2012). Religion, spirituality, and health: the research and clinical implications. *ISRN Psychiatry*, 2012, 278730.
- Kovács, M. J. (2016). Curso Psicologia da Morte: Educação para a morte em ação. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 36(91), 400-417.
- Maraldi, E. O. (2016). Psicoterapia, identidade e misticismo new age: configurações contemporâneas. In Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, *Laicidade, religião, direitos humanos e políticas públicas – Volume 1* (pp. 125-128) (Coleção Psicologia, laicidade e as relações com a religião e a espiritualidade). São Paulo: CRP-SP.
- Marques, L. F. (2010). O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva. *Revista Psicodebate Psicologia, Cultura y Sociedad*, 10, 135-151.
- Marques, L. F. (2013). Desafios da integração da espiritualidade no ensino superior. In M. H. Freitas, G. J. Paiva, & C. Moraes (Orgs.), *Psicologia da religião no mundo contemporâneo: Desafios da interdisciplinaridade – Volume II* (pp. 219-240). Brasília: EdUCB.
- Marques, L. F. (2017). Religiosidade/espiritualidade na educação e na saúde: ensino e extensão. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 189-203.
- Moreira-Almeida, A., Lotufo Neto, F. & Koenig, H. G. (2006). Religiousness and mental health: a review. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 242-250.
- Neubern, M. S. (2010). Psicoterapia e religião: construção de sentido e experiência do sagrado. *Interação em Psicologia*, 14(2), 263-273.

- Neubern, M. S. (2013). O que significa acolher a espiritualidade do outro? Considerações de uma clínica Ethnopsy. In M. H. Freitas, G. J. Paiva & C. Moraes (Orgs.), *Psicologia da religião no mundo contemporâneo: Desafios da interdisciplinaridade – Volume II* (pp. 145-183). Brasília: EdUCB.
- Padovani, R. C., Neufeld, C. B., Maltoni, J., Barbosa, L. N. F., Souza, W. F., Cavalcanti, H. A. F. & Lameu, J. N. (2014). Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(1), 2-10.
- Pargament, K. I. (2007). *Spiritually integrated psychotherapy: understanding and addressing the sacred*. New York: The Guilford Press.
- Plumb, A. M. (2011). Spirituality and Counselling: are counsellors prepared to integrate religion and spirituality into therapeutic work with clients? *Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy*, 45(1), 1-16.
- Safra, G. (2013) Psicologia da Religião e interdisciplinaridade na compreensão das formas contemporâneas de subjetivação e adoecimento. In M. H. Freitas, G. J. Paiva, & C. Moraes (Orgs.), *Psicologia da religião no mundo contemporâneo: Desafios da interdisciplinaridade – Volume II* (pp. 45-57). Brasília: EdUCB.
- Scorsolini-Comin, F. (2015). Um toco e um divã: reflexões sobre a espiritualidade na clínica etnopsicológica. *Contextos Clínicos*, 8(2), 114-127.
- Scorsolini-Comin, F. (2018). A religiosidade/espiritualidade no campo da saúde. *Revista Ciências em Saúde*, 8, 1-2.
- Snyder, C. R. & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia Positiva: Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Sperry, L. & Shafranske, E. P. (2005). *Spiritually oriented psychotherapy*. Washington, DC: American Psychological Association.
- World Health Organization. (1998). Division of mental health and prevention of substance abuse. *WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs (SRPB)*. Genève: World Health Organization.